

A TOMADA DE DECISÃO NAS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA: APROXIMAÇÕES COM A TEORIA BIOECOLÓGICA

**Decision Making in Adventure Body Practices: Approaches to Bioecological
Theory**

**La Toma de Decisiones en las Prácticas Corporales de Aventura: Aproximaciones
a la Teoría Bioecológica**

Vinícius Felipe Cardoso – Universidade Estadual de Maringá

*Endereço para correspondência:
viniciusfelipecardoso@hotmail.com*

Vinícius Felipe Cardoso
*Doutorando do PPGEF-UEM
Universidade Estadual de Maringá*

Resumo

A intenção desse texto parte da complexidade da tomada de decisão nas Práticas Corporais de Aventura, enfatizando como os riscos são percebidos e geridos pelos praticantes. Parte da Teoria Bioecológica de Urie Bronfenbrenner como estrutura teórica para entender como fatores pessoais, sociais e contextuais influenciam as decisões tomadas durante a prática de aventura. Ancora-se à experiência do indivíduo que amplifica ou mitiga a intensidade do risco percebido. Destaca-se o suporte da orientação de instrutores para ajudar iniciantes operarem os riscos associados dessas práticas, promovendo uma compreensão profunda das dinâmicas envolvidas na tomada de decisão nas Práticas Corporais de Aventura, emergindo a compreensão dos contextos e das relações interpessoais.

Palavras-chave: Práticas Corporais de Aventura; Tomada de decisão; Riscos; Psicologia; Teoria Bioecológica.

Abstract

The intention of this text is based on the complexity of decision-making in Adventure Body Practices, emphasizing how risks are perceived and managed by practitioners. It is based on Urie Bronfenbrenner's Bioecological Theory as a theoretical framework to understand how personal, social and contextual factors influence decisions made during adventure practice. It is anchored to the individual's experience that amplifies or mitigates the intensity of the perceived risk. The support provided by instructors to help beginners navigate the risks associated with these practices stands out, promoting a deep understanding of the dynamics involved in decision-making in Adventure Body Practices, emerging an understanding of contexts and interpersonal relationships.

Keywords: validity; psychological assessment; depression; personality.

Resumen

La intención de este texto parte de la complejidad de la toma de decisiones en las Prácticas Corporales de Aventura, enfatizando cómo los riesgos son percibidos y gestionados por los practicantes. Se basa en la Teoría Bioecológica de Urie Bronfenbrenner como estructura teórica para entender cómo los factores personales, sociales y contextuales influyen en las decisiones tomadas durante la práctica de la aventura. Se ancla en la experiencia del individuo que amplifica o mitiga la intensidad del riesgo percibido. Se destaca el apoyo de la orientación de los instructores para ayudar a los principiantes a manejar los riesgos asociados con estas prácticas, promoviendo una comprensión profunda de las dinámicas involucradas en la toma de decisiones en las Prácticas

Corporales de Aventura, emergiendo la comprensión de los contextos y las relaciones interpersonales.

Palabras clave: Prácticas Corporales de Aventura; Toma de decisiones; Riesgos; Psicología; Teoría Bioecológica.

Introdução

Sabe-se que as Práticas Corporais de Aventura (PCAs) detém-se de riscos de grandezas diferentes a depender da complexidade de sua natureza. Observa-se diferenças em proferir riscos ‘na’ prática e riscos ‘da’ prática. Em um momento o indivíduo atribui a intensidade de risco e outra, à própria prática, em sua natureza, já se detém de suas particularidades. Isto se faz presente em todas as modalidades esportivas, nos jogos, nas brincadeiras, nas manifestações corporais e nas alternativas.

Tomando um exemplo no skate, o praticante já conhece e já sabe dos riscos inerentes à prática do skate, independentemente do local onde será realizada. Ou seja, um risco natural dessa prática. Por outro lado, as pessoas que já têm certa experiência com o skate, podem amplificá-la e, por sua vez, torná-la mais ‘agressiva’ ou não, segundo suas experiências e sua técnica já (ou parcialmente) dominada.

Tomando esse exemplo como norte, é visível que iniciantes nas PCAs podem questionar os riscos e sem um auxiliador ou professor por perto auxiliando o aprendiz a desfrutar do skate, o sentimento de medo, incerteza e dissonância podem tomar conta do ambiente. E na tentativa de solucioná-la, será recorrido alguém com certo manejo para conduzir o aprendiz com segurança e evidenciando (de forma passiva/dedutiva – ou seja, não é necessário o aprendiz se machucar para tomar nota) as formas corretas de praticar. Observa-se que o contexto que os indivíduos que se apropriam das PCAs estão inseridos, proporcionam positivamente e/ou negativamente sua forma de comunicar com outros e

outras pelos seus movimentos. Contextos, estes, presentes (e bases) da Teoria Bioecológica de Urie Bronfenbrenner.

A Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, desenvolvida por Urie Bronfenbrenner, é uma abordagem abrangente que analisa como diferentes ambientes influenciam o desenvolvimento e o comportamento de uma pessoa ao longo de sua vida. Bronfenbrenner expandiu sua teoria original de sistemas ecológicos (presente nas ciências biológicas) para a Teoria Bioecológica, incorporando a importância do indivíduo como um agente ativo em seu próprio desenvolvimento.

O modelo bioecológico considera a interação sinérgica de quatro componentes que Bronfenbrenner (2004) defendem: *Processo, Pessoa, Contexto e Tempo*. O desenvolvimento humano é, então, definido como um fenômeno que envolve mudanças e continuidades nas características biopsicológicas da pessoa durante a sua vida e ao longo das gerações (Bronfenbrenner, 2004).

Em outras palavras, o desenvolvimento envolve processos de interação mútua, que se tornam progressivamente mais complexos, entre o indivíduo em desenvolvimento e as pessoas, objetos e símbolos presentes em seu ambiente próximo. As interações entre a pessoa e o seu ambiente imediato provocam alterações em suas características biopsicológicas, o que, por sua vez, gera mudanças no contexto ao seu redor. Isso faz com que o desenvolvimento seja, ao mesmo tempo um produto e um agente de seu próprio processo (Leme et al, 2016; Bronfenbrenner; Evans, 2000).

Neste rumo, é importante ampliar o olhar aos componentes que interagem e entrelaçam entre si, sendo-os: **Pessoa, Processo, Contexto e Tempo**.

Pessoa: Engloba as características individuais, como predisposições genéticas, temperamento, personalidade, as capacidades cognitivas e emocionais, que influenciam

como a pessoa interage com seu ambiente. As características da pessoa afetam como ela participa dos processos proximais e, conseqüentemente, como o desenvolvimento ocorre.

Processo: Refere-se às interações dinâmicas e recíprocas entre o indivíduo e seu ambiente. Esses processos são conhecidos como “processos proximais” e são considerados os motores primários do desenvolvimento. Alguns exemplos englobam as atividades diárias como brincar, estudar, interagir com a família, entre outras; que ocorrem de forma regular e prolongada. É o que acontece com indivíduos que criam a rotina de praticar as PCAs, ocasionando interações com objetos, símbolos e ambientes diversos.

A título de exemplo, vejamos os praticantes de skate no qual desenvolvem a atenção ao manter a calma sob pressão e ao desenvolver uma manobra com certo risco, sendo cruciais para o sucesso e a segurança.

O componente intitulado **Contexto** é dividido em quatro sistemas ambientais. Nas PCAs, o contexto inclui tanto o ambiente físico (como montanhas, oceanos ou florestas) quanto o social (como grupos de amigos, clubes ou comunidades esportivas). Esses contextos potencializam as experiências e o desenvolvimento do praticante.

Esses sistemas, prefixados como *micro*, *meso*, *exo* e *macro* -sistemas, permeiam o cotidiano do *homo sapiens* a partir de sua forma de comunicação, expressão, consumo, produção, culturas e análises da vida.

- **Microssistema:** Envolve os ambientes imediatos e relações diretas, como a família, amigos, escola e ambiente de trabalho.
- **Mesosistema:** Refere-se às interações entre diferentes microssistemas.
- **Exossistema:** Inclui contextos que afetam indiretamente o indivíduo, como o ambiente de trabalho dos pais, políticas educacionais ou a mídia.

- **Macrossistema:** Envolve as influências culturais, sociais e econômicas mais amplas, como valores culturais, normas sociais e políticas governamentais.

Tomando nota desses sistemas, um praticante de parapente que vive em uma comunidade com fácil acesso a locais de voo e uma cultura de apoio ao esporte tem mais oportunidades para praticar e melhorar suas habilidades, comparado a alguém em um ambiente com menos recursos ou apoio.

Para compor e englobar todas as camadas, há, o que Bronfenbrenner cunha como **Cronossistema**, referindo-se ao papel do tempo no desenvolvimento, considerando tanto as mudanças ao longo da vida do indivíduo (tempo de vida) quanto as influências de eventos históricos e mudanças sociais (tempo histórico). Observar o *cronossistema* também é visualizar que o desenvolvimento é um processo que se desenrola ao longo do tempo, tanto no nível individual quanto no nível social, relacionando-se com outros e outras pessoas.

O tempo desempenha um papel crucial no desenvolvimento dos atletas de esportes de aventura. Isso inclui tanto o desenvolvimento ao longo da vida, como a experiência acumulada e a maturidade que se ganha com a prática, quanto as mudanças históricas ou culturais que podem influenciar o esporte, como a popularização de novos equipamentos ou técnicas. Um exemplo nas PCAs está relacionada à introdução de novos itens de segurança e equipamentos tecnológicos, no qual permitem que mais pessoas se envolvam no alpinismo, por exemplo, alterando como ele é praticado e o tipo de pessoas que ele atrai. Observa-se que em todos os sistemas, os processos de interação social acontecem direta e indiretamente na forma que o indivíduo se relaciona.

Discussão

Tomada de decisão na Teoria Bioecológica

As tomadas de decisão, a partir da perspectiva da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (Bronfenbrenner, 2004), são geradas por um processo complexo e dinâmico que envolve a interação contínua entre a pessoa e seu ambiente em múltiplos níveis (*-sistemas*). Esse processo é influenciado por vários fatores que se inter-relacionam e se modificam ao longo do tempo (cronossistema). As características pessoais, ambientais, temporais e psicológicas são componentes básicos que determinam positivamente e/ou negativamente as decisões articuladas e realizadas por cada indivíduo.

Para Oliveira (2004), a decisão, compreendida como o processo de selecionar uma ou mais alternativas de ação a serem executadas, é vista como a transformação de informações em ação. Isto é, elas têm causa e efeito instantâneo ou em médio/longo prazo, a depender do objeto que está empreendida.

Em contrapartida, Motta (2004, p. 26) observa que durante o processo de tomada de decisão é necessário “aceitar a existência de uma face de imprevisibilidade e de interação humana que lhe confere a dimensão do ilógico, do intuitivo, do emocional e espontâneo, e do irracional”.

Para ilustrar a observação de Motta (2004), imaginemos uma situação em que uma equipe de gestores precisa decidir sobre a aprovação de um projeto inovador. Durante as discussões, os dados e as análises apontam para uma direção lógica, sugerindo que o projeto tem boas chances de sucesso. No entanto, um dos gestores, com base em sua intuição e experiência pessoal, analisa que algo pode ser desfavorável. Ele revisita essa

percepção, gerando uma discussão que não se baseia apenas em fatos e números, mas também em sentimentos e impressões subjetivas. Ao final, a decisão final pode incluir elementos que não estavam inicialmente previstos nas análises, incorporando uma dimensão emocional e intuitiva, mostrando que nem sempre a racionalidade pura guia a tomada de decisão.

O exemplo empregado acima parte de um ambiente empresarial. No tocante da conceituação que empregamos neste texto, quaisquer ambientes que tenham relações com outros indivíduos com diferentes formas de pensar, de viver, de se relacionar com outros e outras, advindos de outras culturas, credos, religiões, etnias etc., terão abstrações e perspectivas diferentes. Essa é uma visão humanística.

Novamente, é compreensível observar que toda tomada de decisão estampa uma justificativa por si própria. Isto é, espera-se uma justificativa ou razões para sua escolha (Motta, 2004, p. 53). A escolha de um método científico, por exemplo, constitui-se de uma justificativa/razão que sejam coerentes.

É perceptível que na tomada de decisão tenhamos marcadores (valores, intenções estratégicas, percepções sobre o contexto etc.) para que o pensamento racional seja mantido, bem como afetivo e cognitivo.

A tomada de decisão, a partir da perspectiva da Teoria Bioecológica faz parte do contexto do indivíduo, no qual os componentes são porosos, isto é, intercalam-se uns com os outros, não sendo excludentes entre si. Em outras palavras, a tomada de decisão é realizada todos os dias (e o dia todo), sendo de uma coisa mais simples, como sentar uma cadeira para ministrar uma aula, a forma que manuseia um pincel/caneta, às coisas mais complexas. De toda forma, toda tomada de decisão há riscos, sendo eles indissociáveis.

Riscos na tomada de decisão e articulação com as PCAs

Ao depararmos que todas as PCAs Baseadas no conceito de risco controlado, são práticas onde a vertigem, o medo (de cair, de machucar, de morrer), o desequilíbrio frequente e o enfrentamento do perigo se mostram associados a sensações diversas (Inácio; Baena-Extremera, 2020, p. 126), bem como quedas, colisões, escoriações, fraturas, afogamentos, congelamentos, entre outros (Paixão; Tucher, 2010), os riscos precisam ser pré-avaliados, organizados e planejados anteriormente sua execução.

A análise de todos os fatores que correspondem os riscos (não somente nas PCAs, mas em toda forma de organização – até institucional numa empresa, numa secretaria, numa prefeitura, numa residência, num país) precisam ser avaliados em seus contextos, o que indica o modelo bioecológico e seus sistemas. Essa ideia parte numa proposta de observar as relações intrínsecas das modalidades esportivas, não somente pelo seu estereotipo ou nível de dificuldade, mas sim na observação da interação humana.

Instintivamente, o ser humano preserva sua espécie a partir da análise das variáveis realizadas antes de sua tomada de decisão. Nas PCAs essa afirmação não se faz contrária.

Um iniciante, antes de seu percurso numa fita de Slackline, analisa suas capacidades técnicas para prever se ocorrerá algum desvio, alguma queda ou dificuldade que tornará fluente durante seu caminhar. Este é um pensamento racional, previamente analisado segundo suas capacidades físicas. De mesmo modo acontece com outros praticantes dessa modalidade ao incluir elevações, dificuldades, objetivos e valores para alguma manobra difícil durante o percurso.

Em ambos os casos, são previamente analisados os riscos que podem emergir durante a prática do Slackline. Ampliamos nosso olhar para o skate, na escola. Tomando como base o cenário brasileiro em relação à infraestrutura, à aquisição de materiais e espaço físico, estudantes que nunca tiveram contato com o skate, a princípio, terão resistência: medo de cair, vergonha pública por conta de seu desconhecimento e limites corporais, etc.

Dessa forma, observamos que os fatores sistêmicos que o indivíduo interage ao ambiente, às experiências, valores e crenças, emergem durante a tomada de decisão numa prática mergulhada no risco.

No tocante, aproximando essa ideia com a Teoria Bioecológica, podemos explorar como os diferentes níveis de contexto influenciam a propensão a assumir riscos e a maneira como esses riscos são vivenciados, a partir dos sistemas já explorados acima.

- **Microsistema:** O apoio e as influências diretas de familiares, amigos e grupos de pares podem desempenhar um papel significativo na decisão de um indivíduo de se engajar em esportes de aventura. Por exemplo, pais que incentivam a exploração e a autossuperação podem aumentar a predisposição de seus filhos a participar dessas atividades.
- **Mesosistema:** As interações entre diferentes microsistemas, como a relação entre a família e o clube de aventura, podem reforçar ou desencorajar o engajamento nessas práticas. Por exemplo, um jovem, cuja família e escola apoiam essas atividades, pode ter mais recursos e oportunidades para praticá-las de maneira segura.
- **Exossistema:** Decisões políticas e econômicas que afetam o acesso a equipamentos, locais seguros para a prática e treinamentos adequados

também influenciam como os riscos são gerenciados nos esportes de aventura. Políticas de segurança pública ou regulamentações ambientais, por exemplo, podem ter um impacto direto, na prática desses esportes.

- **Macrossistema:** As normas culturais que valorizam a coragem, a autossuperação e a conexão com a natureza podem moldar a percepção do risco nos esportes de aventura. Culturas que exaltam o heroísmo e a aventura tendem a promover essas práticas como formas desejáveis de lazer e autodescoberta.
- **Cronossistema:** As mudanças ao longo do tempo, tanto no desenvolvimento individual quanto nas atitudes sociais em relação ao risco, também afetam as PCAs. Por exemplo, a crescente conscientização sobre os perigos ambientais pode alterar como as PCAs são realizadas e percebidas ao longo das gerações.

Elucidando novas perspectivas nessa análise dos riscos presentes nas PCAs, observo dois possíveis teóricos que, na luz da literatura antropologia e sociológica, em seus tempos, constroem ideias para ampliar a visão estrutural e bioecológica na conjuntura dos riscos.

Primeiramente, David Le Breton (2009), que explora a ideia de risco a partir de uma perspectiva cultural e antropológica. Para ele, o risco não é apenas uma ameaça ou um perigo objetivo, mas uma construção social que varia conforme o contexto cultural, histórico e social. Le Breton objetiva o risco como uma forma de interação com o mundo, um modo pelo qual os indivíduos, especialmente os jovens, buscam significado, identidade e pertencimento.

Em seu livro “Conduitas de Risco: dos Jogos de Morte ao Jogo de Viver” (2009), Le Breton aponta o risco como forma de existência a partir de testar os próprios limites e de afirmar a própria identidade. Em outro momento, o risco torna-se um ritual de passagem, especialmente na juventude, no qual o indivíduo assume modos de pensar, de fazer, de criar, de expressar e de agir, marcando como nucleotídeo da vida adulta.

Na mesma seara, Ulrich Beck, em sua obra “A Sociedade de Risco” (1986), argumenta que, enquanto as sociedades tradicionais enfrentavam riscos naturais, as sociedades modernas são cada vez mais confrontadas por riscos criados pelo próprio desenvolvimento humano.

Beck (1986), também argumenta que a sociedade moderna passa por um processo de "modernização reflexiva", onde a própria modernização cria novos problemas que precisam ser geridos, levando frequentemente a uma reavaliação crítica dos avanços científicos e tecnológicos.

Em síntese, a própria modernidade cria seus riscos que afetam a sociedade em uma escala global. No contexto dos esportes de aventura, podemos associar os riscos a uma busca deliberada por enfrentar e controlar perigos que, em grande parte, são gerados ou amplificados pela sociedade moderna.

Em vez de evitar o risco, como muitas vezes é o foco em outras áreas da vida moderna, os praticantes de esportes de aventura procuram gerenciá-lo ativamente. Isso reflete uma das características da sociedade de risco de Beck, onde a gestão e a mitigação de riscos se tornam centrais para a experiência humana.

Considerações finais

Esses conceitos estampam e revelam um novo em que os riscos nas PCAs estão associados às pontes costuradas entre os sistemas bioecológicos de Bronfenbrenner. Em toda vida humana, observar e analisar as relações sociais com os aspectos funcionais da motricidade também é revisitar o olhar humanístico e palpável às ciências.

O objetivo anteriormente cunhado foi traçado e alcançado ao articularmos os riscos presentes nas PCAs ao passo que cada praticante desempenha o papel crucial durante sua execução e experimentação, na prática. Não obstante, trazendo novos significados e tecendo relações consigo mesmo, com os outros (a partir do compartilhamento por meio de rodas entre amigos, familiares, redes sociais, trabalho, etc.).

Referências

- Bronfenbrenner, U.; Evans, G. (Acesso em 10 ago 2024). Developmental science in the 21st century: *Emerging questions, theoretical models, research designs and empirical findings*. *Social Development*, vol. 9, n. 1, p. 115-125. 2000.
- Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1467-9507.00114>.
- Bronfenbrenner, U. (2004). *Making Human Beings Human: Bioecological Perspectives on Human Development*; ed. 1, London: Sage Publications, Inc.
- Inácio, H. L. D.; Baena-Extremera, A. (Acesso em 10 ago 2024). Práticas corporais de aventura na educação física espanhola: um estudo com foco na metodologia e na avaliação. *Caderno de Educação Física e Esporte*, Marechal Cândido Rondon, v. 18, n. 3, p. 125-131, 2020. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/23314>.

- Le Breton, D. (2009). *Condutas de Risco: dos jogos de morte ao jogo de viver*; tradução: Lólio Lourenço de Oliveira, Campinas: Autores Associados.
- Leme, V. B. R. *et al.* (Acesso em: 15 ago 2024). Habilidades Sociais e o Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano: Aálise e Perspectivas. *Psicologia & Sociedade*, vol. 28, n. 1, p. 181–193, 2016. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/psoc/a/9JK65ThKTvWd9htPq6b7nkN/?lang=pt>.
- Motta, P. R. M. (2004). *Gestão contemporânea: a ciência e a arte de ser dirigente*. Rio de Janeiro: Record.
- Oliveira, D. P. R. (2004). *Sistemas de informações gerenciais: estratégias, táticas, operacionais*. 9ª ed., São Paulo: Atlas.
- Paixão, J. Â.; Tucher, G. (Acesso em: 19 ago 2024). Risco e Aventura por Entre as Montanhas de Minas: O Perfil do Instrutor de Esporte de Aventura. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 13, n. 3, p. 1-12, 2010. Disponível em:
<https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/10703>.

Submissão: novembro/2024

Última revisão: novembro/2024

Aceite final: dezembro/2024